



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

A LITERATURA CUBANA DA DIÁSPORA: A OBRA “LOS DÍAS QUE AHORA  
TENGO” DE ALINA GALLIANO

BÁRBARA MEIRELLES DE SOUZA TEIXEIRA

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

BÁRBARA MEIRELLES DE SOUZA TEIXEIRA

A LITERATURA CUBANA DA DIÁSPORA: A OBRA “LOS DÍAS QUE AHORA  
TENGO” DE ALINA GALLIANO

Monografia apresentada à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro  
como requisito para a obtenção do diploma de  
Licencianda em Letras – Português/Espanhol.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elena Palmero González

RIO DE JANEIRO

2022



## FOLHA DE AVALIAÇÃO

BÁRBARA MEIRELLES DE SOUZA TEIXEIRA

DRE: 117247907

TÍTULO: A LITERATURA CUBANA DA DIÁSPORA: *LOS DÍAS QUE AHORA  
TENGO* DE ALINA GALLIANO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Espanhol.

Data de avaliação: 26/01/2023

Banca Examinadora:

Profa. dra. Elena Cristina Palmero González  
Orientadora – Presidente da Banca Examinadora  
Professora Titular. Setor de Literatura Hispano-americana  
Departamento de Letras Neolatinas – UFRJ

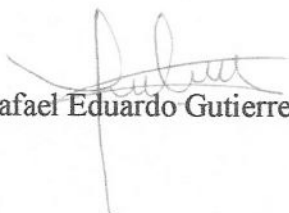
Nota: 7,0

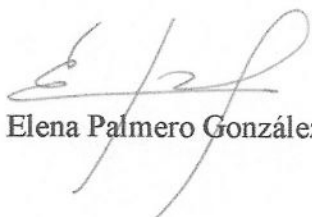
Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo  
Leitora Crítico  
Professor Adjunto. Setor de Literatura Hispano-americana  
Departamento de Letras Neolatinas - UFRJ

Nota: 7,0

MÉDIA: 7,0

Assinaturas dos avaliadores:

  
Rafael Eduardo Gutierrez Giraldo

  
Elena Palmero González

## AGRADECIMENTOS

Ao longo dos anos da graduação, agradecia todos os dias por estar na UFRJ, mas sei que isso não seria possível sem minha avó materna, Mariana Arruda. Agradeço a ela, em primeiro, pois sempre proporcionou a melhor formação para não desistir dos meus sonhos. Infelizmente, ela não me viu ingressar na faculdade, mas sei que estaria feliz e orgulhosa.

Agradeço aos meus pais, Alba Valéria e Ricardo Teixeira, por me apoiar e não fazer desistir de cursar uma faculdade. Minha mãe, Alba, que sempre esteve ao meu lado e que é a minha inspiração de força quando as adversidades da vida aparecem. Meu pai, Ricardo, que, infelizmente, não me viu ingressar na faculdade, mas os 18 anos que convivi com ele foram de aprendizado e consciência do amor que ele sentia por mim.

Agradeço a minha irmã Marianna, por ser minha inspiração. Desde que nasci, sabia que queria ser igual a ela. Minha irmã era o sinônimo de beleza, inteligência e força. Agradeço a ela por me acalantar quando estava triste, por sempre buscar o melhor para mim e minha mãe e por caminhar ao meu lado, me dando apoio e força quando mais preciso.

Agradeço aos meus amigos que fiz ao longo do colégio, Rafaela, Patrícia, Pâmela, Yasmim e Gabriela e aos meus amigos que fiz na faculdade, Rayane, Deborah, Thayná Souza e Thayná Valladares, Ana Carolina, Michel, Maria Júlia, Mateus, Vinícius e entre outros; e amigos que fiz ao longo da vida. Eles foram o alívio e felicidade nessa jornada chamada graduação.

Agradeço a minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elena Palmero González, que abriu um novo mundo para mim e com isso consegui decidir o que queria para o meu futuro. Agradeço, principalmente, por nunca desistir de mim e por sempre me apoiar nos momentos que mais precisei, mesmo quando ela não sabia.

Por fim, agradeço ao meu pai Oxalá e a minha mãe Yemanjá e a todos os meus guias. A minha religião sempre foi algo essencial na minha vida e sei que sem essa fé, e o acompanhamento psicológico da minha terapeuta Laura, eu não conseguiria estar nesse plano hoje.

Obrigada Universidade Federal do Rio de Janeiro e todo corpo acadêmico da Faculdade de Letras por me proporcionarem os melhores 5 anos da minha vida.

## RESUMO

O objetivo do trabalho é estudar a obra da escritora cubana Alina Galliano, especificamente, o poemário “Los días que ahora tengo” (2016), no contexto da produção poética da diáspora cubana em Nova York, em que privilegia o caráter transnacional da cultura hispano-americana. Nessa monografia é focado o estudo das literaturas produzidas pelas comunidades diaspóricas hispano-americanas, focalizando na produção poética, que cresceram nos Estados Unidos ao calor dos movimentos migratórios dos séculos XX e XXI. Metodologicamente, o trabalho se direcionou para a revisão teórica das noções de diáspora e cultura diaspórica como, por exemplo, Clifford (2010) e Hall (2006), a revisão de textos críticos em torno da literatura cubana da diáspora, com Bolaños (2008) e a revisão da fortuna crítica da obra de Alina Galliano, com Martínez (2018).

**Palavras-chave:** Alina Galliano; Diáspora; Poética; Literatura Cubana

## RESUMEN

El objetivo de este trabajo es estudiar la obra de la escritora cubana Alina Galliano, específicamente, el poema “Los días que ahora tengo” (2016), en el contexto de la producción poética de la diáspora cubana en Nueva York, en la que se privilegia el carácter transnacional de la cultura hispano-estadounidense. Esta monografía se centra en el estudio de la literatura producida por las comunidades de la diáspora hispanoamericana, centrándose en la producción poética, que creció en Estados Unidos al calor de los movimientos migratorios de los siglos XX y XXI. Metodológicamente, el trabajo se dirigió hacia la revisión teórica de las nociones de diáspora y cultura diaspórica, como, por ejemplo, Clifford (2010) y Hall (2006), la revisión de textos críticos en torno a la literatura de la diáspora cubana, con Bolaños (2008) y la revisión de la fortuna crítica de la obra de Alina Galliano, con Martínez (2018).

**Palabras clave:** Alina Galliano; Diáspora; Poética; Literatura Cubana

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>A NOÇÃO DE DIÁSPORA.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>A LITERATURA CUBANA DA DIÁSPORA.....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>A AUTORA ALINA GALLIANO .....</b>	<b>18</b>
4.1	A OBRA “LOS DÍAS QUE AHORA TENGO” (2016).....	20
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>26</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>27</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A literatura hispano-americana sempre esteve ligada, de alguma forma, ao exílio. Um dos grandes autores de Cuba, José Martí, escreveu o ensaio “Nuestra América” em terras norte-americanas. Entretanto, a diáspora caribenha não é apresentada e estudada aos novos alunos de forma significativa como a diáspora judia. Baseando-se nos estudos de James Clifford (2010), Avtar Brah (2011) e Stuart Hall (2006), por exemplo, é perceptível que o estudo de diáspora e identidades na pós-modernidade contemplaram os autores hispano-americanos e os colocaram em evidência.

Além de trazer as discussões acerca de diáspora e a literatura, é imprescindível privilegiar o caráter transnacional da cultura hispano-americana e focalizar no estudo das literaturas produzidas pelas comunidades diaspóricas hispano-americanas que cresceram nos Estados Unidos ao calor dos movimentos migratórios dos séculos XX e XXI. No âmbito dessa questão, o enfoque está no estudo da literatura cubana produzida no contexto cultural de Nova York, uma cidade que acolhe uma importante produção poética da diáspora cubana, e ponderando o caso da poesia cubana de autoria feminina que se produz por autoras que continuaram escrevendo em espanhol, apesar da sua longa permanência em terras norte-americanas.

A intenção é pensar como essa produção, redesenha mapas culturais, reconfigura uma ideia de comunidade literária e postula outras maneiras de pensar o cânone literário hispano-americano. e especificamente na obra de Alina Galliano, uma escritora que emigrou muito jovem, morou cinquenta anos na cidade de Nova York e sua amplíssima e premiada obra foi toda produzida em espanhol; e me aprofundo no estudo de seu livro *Los Días Que Ahora Tengo* (2016).

Ao longo dos estudos é visto que a cultura cubana, de acordo com Diana Álvarez Amell (2018), há uma larga tradição da escrita em exílio. São formadas comunidades de autores, em foco mulheres poetas, assunto que será de extenso foco ao longo do trabalho, que passam pela experiência de ter vidas interrompidas para se deslocar a outro lugar. Essa “coincidência” faz com que se formem grupos que queiram compartilhar sobre essas fronteiras entre o “eu” da Ilha com o “eu” atual, proporcionando, assim, a criação de literaturas de deslocamento.

Essa literatura em deslocamento, como veremos, é escrita pela língua materna, o que cria uma experiência de trazer seus discursos, sua cultura nacional em foco, mesmo sendo um idioma que não utiliza na sua vida cotidiana. As poemáticas apresentam o viver do amor e

do exílio e criam questionamentos de como o espaço e a linguagem podem unir, mas ao mesmo tempo separar esses indivíduos.

Esse espaço e linguagem são as marcas da identidade nacional, e individual, que foram deixadas, mas são mantidas por seus poemas. São poemas que criam estruturas verbais para trazer significados que exploram as relações humanas e questionam o “eu” a partir desse deslocamento.

Além disso, a maior intenção dessa monografia é apresentar ao corpo acadêmico novas formas de literatura contemporâneas, para que o estudo da poesia feminina seja contínuo e colocado em foco nas pautas acadêmicas. Autoras como Magali Alabau, Lourdes Gill, Maya Islas, Iraida Iturralde e, a autora em foco desse trabalho, Alina Galliano, são escritoras que centram seus temas no exílio e na subjetividade feminina, de grosso modo, que enriqueceriam o currículo acadêmico.

## 2 A NOÇÃO DE DIÁSPORA

Para iniciar um estudo das relações entre diáspora e literatura, é necessário a desconstrução de certos pressupostos que dominaram o discurso moderno sobre a diáspora, fundamentalmente associados à vitimização do sujeito diaspórico. Como se sabe, a ideia mais tradicional e clássica de diáspora associava essa noção à ideia de exílio forçado, dor e sofrimento, sendo seu modelo de referência à dispersão dos judeus exilados da Palestina depois da conquista babilônica. Segundo Clifford (2010), é necessário reconhecer a forte influência da história judia no discurso da diáspora, porém não converter a um modelo fechado e definitivo. As diásporas judias, gregas ou armênias são pontos de partida para o início dos estudos sobre o discurso de pessoas que viaja e se transforma em um ser híbrido em novas condições globais.

El discurso de la diáspora, para bien o para mal, es objeto de una amplia apropiación. Anda libre por el mundo, debido a razones que se relacionan con la descolonización, la inmigración creciente, las comunicaciones globales y el transporte: toda una variedad de fenómenos que estimulan los apegos multilocales, la residencia y el viaje dentro de las naciones y a través de ellas. (CLIFFORD, 2010, p. 305).

Ao utilizarmos o termo “viagem”, é passível se subtender que diáspora e viagem são semelhantes, entretanto, o ato diaspórico não é temporário. Envolve residência, comunidades estabelecidas, construção de uma “casa” longe da casa natal. A ideia de diáspora também difere das políticas de assimilação, que visam apenas integrar imigrantes e não populações em deslocamento. Por fim, distingue-se de fronteira, que pressupõe um território definido por uma linha geopolítica, isto é, dois espaços arbitrariamente separados e policiados, mas também juntos por práticas legais e ilegais de travessia e comunicação. Ao invés, diáspora significa longas distâncias e uma separação semelhante ao exílio, porém o ato de se exilar tende a ser vivido individualmente, em tanto que as diásporas são comunitárias.

Las diásporas suponen por lo general distancias mayores y una separación más parecida al exilio: un tabú constitutivo que pesa sobre el regreso, o la postergación de este para un futuro remoto. Las diásporas también conectan a comunidades múltiples de una población dispersa. Los cruces sistemáticos de la frontera pueden ser parte de esta interconexión, pero las culturas multilocales de la diáspora no se definen necesariamente por un límite geopolítico específico. (CLIFFORD, 2010, p. 302).

A partir dessa questão comunitária, os grupos diaspóricos começam a definir as culturas diaspóricas. Esses grupos compartilham uma tensão pela vivência, por meio das experiências de separação e do compromisso de viver no local fixado e recordar o lugar deixado. Os grupos, com suas narrativas, apresentam o sentimento de se incluir numa rede transnacional,

que inclui a terra natal não como algo que foi “abandonado”, mas como um lugar de apego no mundo moderno.

Apesar da criação de grupos diaspóricos, as experiências vividas pelos indivíduos são diferentes e, principalmente, predominam as experiências dos homens. Porém, ao analisar atentamente, as experiências das mulheres são relevadoras. Ao criar narrativas masculinas que mantém conexões com as terras natais, com suas redes parentais e com as tradições religiosas e culturais podem renovar e reafirmar as estruturas patriarcais. Entretanto, com as narrativas femininas, as experiências diaspóricas abrem novos espaços políticos apresentando suas visões de mundo, sem o discurso patriarcal.

Por sua parte, Avtar Brah (2011) segue a mesma linha de pensamento de James Clifford (2010) sobre a questão de diáspora e apresenta a ideia de “comunidades imaginadas”. No mundo moderno, as migrações humanas criam novos deslocamentos e novas ideias de diásporas, o que influencia na ideia de “fronteira” e a linguagem existente nessas fronteiras. O conceito de diáspora, apresentado por Brah (2011), pode se estender ao conceito de entender a origem do indivíduo diaspórico, em que há uma construção das trajetórias das diversas diásporas feitas pelo indivíduo e a sua relação com o social, o subjetivo e sua identidade. Brah (2011) reafirma que ao construir a ideia desse sujeito diaspórico e suas diáspora, não há necessariamente a ideia de retorno:

Expongo que el concepto de diáspora ofrece una crítica a los discursos que dan por sentados ciertos orígenes inamovibles, mientras que tiene en cuenta un deseo de volver al hogar que no es lo mismo que el deseo de una «patria». Esta distinción es importante, especialmente porque no todas las diásporas mantienen una ideología de «retorno». (BRAH, 2011, p. 211).

Como apresentado acima por Clifford (2011), Brah (2010) segue a mesma linha de pensamento ao apresentar a diáspora como uma viagem. As diásporas, são, a princípio, formadas por muitas viagens a diferentes lugares, cada uma com sua própria história, suas próprias particularidades. Cada diáspora é um cruzamento de diversas viagens, ou seja, um texto com narrações exclusivas sobre as experiências de cada indivíduo diaspórico e essas diversas viagens podem se tornar uma só através da junção dessas narrativas, a partir da memória individual e coletiva das “comunidades diaspóricas” ou, como apresentado, as “comunidades imaginadas”. A identidade dessas comunidades não pode ser algo fixo, pois ela se constitui a partir das vivências individuais ou coletivas que são contadas através das suas narrativas ou, quando há, o encontro desses indivíduos fisicamente.

Essas narrativas dessas comunidades são vividos e “revividos” de diversos modos, por exemplo, a partir do olhar de gênero, raça, classe social, sua religião, sua língua ou a sua geração. As narrativas das diásporas são uma confluência de espaços diferenciados, que, com a leitura delas há um questionamento se há uma construção desse “nós” comum a todos. Entretanto, apesar de ocorrer debates sobre esse “nós”, a diáspora, apesar de, a princípio, evocar traumas de separação, é uma experiência migratória em que há essa construção dessas comunidades e do ser diaspórico. O ambiente da diáspora cria um espaço de debates cultural e políticos onde as memórias desses indivíduos, coletivas ou individuais, se juntam, se organizam e, assim, há uma reconfiguração.

Com a experiência diaspórica, o sujeito recria a sua identidade a partir do mundo e do ambiente cultural que ele está residindo, tornando sua identidade alinhada ao local. Seguindo o pensamento de Hall (2006), é perceptível que o sujeito moderno não tem mais uma identidade estável, ele se torna cada vez mais fragmentado, por conta das experiências que vive e do mundo que é apresentado a partir da globalização eminente e crescente. A modernidade não é mais algo relacionado a tecnologia, mas a uma forma de reflexão de vida, em que as práticas sociais são examinadas, debatidas e reformadas a todo momento.

Com essa nova modernidade, por assim apresentado, o indivíduo assume a todo momento diferentes identidades, a qual são contraditórias a partir que os sistemas de significados e representações culturais são mudados, agregando mais uma concepção do ser, que se identifica temporariamente. Esses novos modos de vida, promovidos pela modernidade, livraram os indivíduos das ordens sociais tradicionais, o qual alteram algumas características íntimas e pessoais do cotidiano e uma dessas ordens sociais seria o indivíduo em deslocamento. Hall (2006) apresenta que:

Ernest Laclau (1990) usa o conceito de "deslocamento". Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por "uma pluralidade de centros de poder". As sociedades modernas, argumenta Laclau (1990), não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única "causa" ou "lei". (...) Ela está constantemente sendo "descentrada" ou deslocada por forças fora de si mesma. As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" - isto é, identidades -para os indivíduos. (HALL, 2006, p. 16).

Os deslocamentos, de um olhar positivo, desarticulam as estabilidades do passado ao abrir novas possibilidades, criando novas articulações do sujeito com o local que ele vive. O local que vive o indivíduo cria a ideia de cultura nacional ou nação, construindo uma identidade para aquele ser, entretanto com o movimento dos indivíduos, por exemplo em diáspora, se cria uma identidade global.

Essa identidade global, constitui um canal entre dois lugares ao mesmo tempo, e se torna múltipla. Esse tipo de identidade representam os lugares, os vínculos, os símbolos ou histórias do local que vieram para o local que estão, o que pode favorecer um apagamento das identidades nacionais pré-estabelecidas. Com esse apagamento, as identidades globais e nacionais podem se juntar para produzir identidades mais políticas, mais diversas e, por consequente, menos fixas. Hall (2006) argumenta que:

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. For todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos estados nações dominantes, das antigas potencias imperiais, e, de fato, do próprio globo. (HALL, 2006, p. 45).

Alinhado a Hall (2006), Paul Gilroy (2001), pensa a diáspora como lar fluído, ou seja, como um processo de desterritorialização, estabelecendo a posição do “entre lugar” no qual o sujeito diaspórico se reconstrói enquanto identidade. Tal ideia de reconstrução das identidades presente nessas noções de diáspora, que abriga um sentimento pós-moderno de não pertencimento a nenhum lugar, de estar simultaneamente “dentro e fora”, é também uma resposta teórica e política à ideia de identidade fixa e homogênea.

Com esses novos pensamentos, é visto que essas identidades produzem uma cultura sobre o seu lugar de origem, sobre aquela comunidade que está pertencendo ou produzir novos sujeitos a partir daquilo que foi vivenciado. Entretanto, essa produção não tem a intenção de confrontar algo pré-estabelecido, mas apresentar, subverter ou colocar em ênfase aquelas culturas que são consideradas menos importantes e, divulgar, ao mundo moderno, o discurso do sujeito diaspórico retirando ideias pré-concebidas, como vistas anteriormente.

### **3 A LITERATURA CUBANA DA DIÁSPORA**

A partir desses estudos em torno das diásporas, da construção de identidades e de sua produção cultural, é possível acessar o começo ao estudo da literatura da diáspora cubana, especificamente, nos Estados Unidos. É perceptível que a comunidade de origem hispânica tem crescido dentro dos Estados Unidos e continua a crescer. Com esse crescimento, é visto, também, o aumento da produção literária e, por conseguinte, tem recebido muita atenção. Barquet (2015) expõe que a literatura feita pela população latina nos Estados Unidos é rotulada pela crítica como uma “literatura étnica”, priorizado um monolinguismo anglo, em evidente desvantagem para a literatura produzida em espanhol. Essa invisibilização ocorre por conta do falso discurso de homogeneidade de uma “maioria” anglo perante uma suposta “minoría” hispana.

Porém, o aumento da produção de escritores de origem hispano-americano ocasiona que essa dicotomia entre latinos/anglo é um isolamento fictício, já que a produção cultural das comunidades hispânicas se integra, cada vez com mais força, ao universo cultural estadunidense. Ao explorar a produção feita por escritores hispanos nos Estados Unidos, vemos sua imensa capacidade artística para alternar línguas, cruzar universos culturais, integrar as memórias de uma terra de origem aos novos espaços de adoção, criando uma obra de perfis heterogêneos.

Ao analisar a literatura feita por essa comunidade, devemos partir que a literatura é uma expressão artística do indivíduo diaspórico, um ser que se locomove e com mudanças, que ainda tem uma ligação com os indivíduos do local que vive e do local que já viveu. Entretanto, é necessário, não conceber a ideia de esses sujeitos diaspóricos tem um país dentro de si, pois garante uma dicotomia existe, e os isola do cenário literário. Esses seres formaram identidades a partir do local que vivem, com suas mudanças, suas tradições e seus ensinamentos do outro país que viveu.

Além de estudar a literatura feita por esses indivíduos, é preciso perceber que uma parte dos escritores hispanos que residem nos Estados Unidos ainda escrevem com a sua língua materna: o espanhol. Ao selecionar esse método de expressão, os sujeitos diaspóricos tem a maior intenção de continuar uma comunicação com seus espaços abandonados. Barquet (2015) argumenta que:

Quando o autor tem a capacidade linguística e artística de usar uma ou outra língua e resistindo-se às tentações das Sereias Cantoras do Mercado em inglês ou respondendo a sua própria necessidade expressiva, opta pelo espanhol ou por um texto bilíngue para expressar tais temas, sua decisão não constitui uma simples seleção de linguagem e sim um comentário estético e cultural sobre sua obra e sociedade em termos de identidade e destin(atári)o natural de suas criações. (BARQUET, 2015, p. 119).

Alinhando as considerações de Barquet (2015), é necessário que a literatura feita por esses indivíduos não deva ser constituída por pragmáticas de ideologia ou generalizados e, sim, se atentar ao discurso revelados por seus criadores, sem exclusões e nem desvalorizações das suas narrativas. Além disso, introduzir esses autores no cânone da literatura estadunidense, para que seus discursos sejam considerados a partir de uma vivência de um ser em movimento.

Ancorada com a discussão de Barquet (2015), Palmero González (2015) continua essa discussão, a partir de um olhar dos escritores que pertencem a diferentes camadas migratórias, com diferentes pensamentos e posturas sobre o retorno à ilha e a sua saída, que nos permite pensar como a cena literária estadunidense, feita por esses autores, tem um grande

desenvolvimento das diferentes formas da literatura e cultura cubana, utilizando ou não a língua espanhola.

Palmero González (2015) analisa mais sistematicamente ao perceber, e argumentar, que a literatura produzida por esses indivíduos é marcada pelo tema da memória, uma presença do discurso autobiográfico, autoficções, confissões, romances memórias ou textos ficcionais. Esses textos com esses temas, produzem outro ângulo de reflexão teórica que tem a ver com as noções de “espaço biográfico” de Leonor Arfuch (2010) e de “momento autobiográfico” de Paul de Man (2019), em contraposição à ideia de “pacto autobiográfico” de Philippe Lejeune (2008).

Para Lejeune (2008), a autobiografia trata-se mais do reconhecimento de um eu-autor com quem coincide a voz locutora e o personagem central narrado. Arfuch (2010) lança questionamentos a respeito da referencialidade desse eu-autobiográfico, ou seja, sobre a questão da identidade que se impõe com o pacto. Segundo Arfuch (2010), o espaço biográfico seria um “reservatório das formas diversas em que as vidas se narram e circulam” (ARFUCH, 2010, p.58). O espaço biográfico é uma confluência de formas, gêneros e horizontes de expectativa em torno do biográfico e serve como um espaço de leitura metafórica e metonímica das estratégias narrativas de autorrepresentação e de representação da vida como cronotopo.

De Man (2019) questiona não só as ideias apresentadas por Lejeune (2008) como a própria noção de autobiografia como gênero, propondo o conceito de “momento autobiográfico”, que pode ser compreendido como “uma figura de leitura ou entendimento que ocorre, em algum grau, em todos os textos”. A ilusão de referencialidade que habita o texto autobiográfico se daria graças a um efeito mimético possibilitado por determinada estrutura retórica, que De Man (2019) associa ao uso de uma estrutura tropológica (metafórica ou metonímica) idêntica à estrutura de todo conhecimento, na qual está incluído o conhecimento de si mesmo. De Man (2019) considera o texto autobiográfico um artefato retórico que opera ora na ordem da metáfora, ora na ordem da metonímia.

Pensando nessas questões do autobiográfico e memória, Palmero González (2015) apresenta que esses temas tem a intenção da reconstrução de um passado ou relembrar de uma Ilha congelada que não existe mais ou que nunca existiu. Além disso, há uma grande atenção que essas memórias passam a ser compartilhadas pela comunidade, não necessariamente vividas por todos. A autora apresenta que:

Roberto G. Fernández, nas múltiplas vinhetas que compõem *Raining Backwards* (1988) problematiza esta questão, ao apresentar histórias e personagens cujas lembranças têm o poder de distorcer a imagem da ilha e do passado vivido em ela, fabulando histórias que com o passo do tempo se convertem em puras ficções compartilhadas pela família e pela comunidade. (GONZÁLEZ, 2015, p. 99).



É perceptível o grande corpus literário feito por esses indivíduos em movimento, entretanto me alinho à poesia cubana produzida por mulheres. Como dito anteriormente, os indivíduos diaspóricos apresentam suas experiências e as narrativas femininas são reveladoras. Para Bolaños (2008), a poesia cubana produzida por mulheres nos Estados Unidos é caracterizada como uma literatura viva e em movimento. O tema da viagem transcultural é focal nessa produção poética, com o protagonismo de sujeitos de múltiplos centros, que, a partir de suas memórias, apresentam ao leitor inúmeros imaginários.

Esse tipo de literatura é construído a partir de recordações, percepções, da memória de um sujeito lírico habitado por múltiplas identidades. Trata-se de uma poesia de uma poesia em trânsito, feita no cruzamento de diversos discursos, de diferentes fontes, registros e vivências, que molda esse discurso a partir de uma linguagem feita de sujeitos fragmentados e performáticos. Uma escrita que multiplica as origens na diáspora.

As poetisas apresentam diversos olhares sobre suas experiências, se reconhecendo como um sujeito multifacetado, de diversos significados e que está em constante movimento, inventando e reinventando espaços, demarcando suas fronteiras. Com esse movimento, as autoras “viajam a su interior, y viceversa, desplegando de modo simultâneo la subjetividade dinámica y sus universos imaginarios” (BOLAÑOS, 2008, p.21). Essa apresentação da sua experiência diaspórica é utilizado para sustentar uma poética em trânsito. É relevante essa viagem transcultural vivenciada com o sujeito que tem múltiplos centros e múltiplas identidades.

Nas poesias dessas escritoras cubanas, suas escritas de si são as maiores características. São utilizados símbolos em suas poéticas para se fundir a elas e transformar sua identidade, criam estratégias discursivas para ocorrer uma autorretratação de suas experiências diaspóricas, como sujeitos híbridos que vivem sua paixão pelas palavras e pelo uso do espanhol. Suas poesias recordam a memória do seu ser, mas inventando outras alternativas dele, habitando em outras identidades. Bolaños (2008) apresenta que:

La poética del tránsito, con sus diferentes poéticas personales, crea nuevos modos de tercera posición inclusiva y translática, abiertas a otras lógicas de pensamiento. Los textos funcionan por asociación y transformación, modelan una lectura que transcurre en zonas de contactos, por tanto, nosotros, lectores, también solo podremos configurarnos en el tránsito. (BOLAÑOS, 2008, p.29).

Palmero González (2020) apresenta que as poetisas cubanas reforçam um imaginário de fluidez que remete ao amplo movimento de desterritorialização que caracteriza a cultura moderna e, por conseguinte, a cultura cubana. Suas poéticas traçam um percurso da sua cultura de origem, os múltiplos contextos que transitaram, realizando uma “multiplicação

cultural” (GONZALÉZ, 2020, p.5). Além disso, conservam uma memória de Cuba, para que reconstruam uma visão solidária e também afetiva com suas comunidades de origem. Exemplifico com o poema de Alina Galliano, a autora principal desse trabalho, no seu livro *Otro fuego a Liturgia* (2007):

Escribo para decirte que he comenzado el viaje  
 Con esta acción se rompe todo lo ya previsto,  
 Así que he regalado mis recuerdos, las prisas de mis pies, las puertas que he  
 cruzado  
 (...)  
 Ahora reconozco que no hay lugar ni puerto  
 Que pueda contenerme  
 [...]  
 (GALLIANO, 2007: 185)

De acordo com Bolaños (2012), as escritoras mulheres transformam seus livros num reflexo que olham suas múltiplas culturas, onde se reconfiguram e se traduzem. As poetisas em trânsito apresentam uma imagem de si num trabalho a partir da sua própria criatividade, da sua cura e do seu próprio renascimento na escritura. A poesia que é criada não tem a intenção de retorno, mas de uma produção cultural. Mesmo assim a ideia de pátria, tradições ou culturas não passa despercebido em suas obras. Bolaños (2012) argumenta que:

Junto à memória imaginária, patente na recorrência da paisagem e sociedade ilhadas, a língua, a infância, a família, o lar matriz, incluindo de maneira fundamental as releituras da cultura originária, aparecem novos imaginários, tanto de consumação do luto pela perda do “lugar” originário, como de resignificação do sujeito ficcional nas experiências interculturais. Com originalidade, cada escritora projeta seu coerente trabalho de produção de uma ontologia histórico-cultural, que, olhando para si mesma, convida a seus leitores a olharem para si mesmos – deslocamentos e confluências que nos constituem. (BOLAÑOS, 2012, p.89)

Martínez e Soto (2020) reafirmam e argumentam sobre a poética feita pelas escritoras cubanas. Além delas compartilharem o tema do exílio e diáspora, há um tema recorrente que é a perda e os temas de erotismo. Essa temática do erotismo, e sensualidade, se juntam como uma busca das raízes literárias e culturais, a partir da reflexão de sua identidade e sua consciência da subjetividade feminina. O tema sobre o indivíduo mulher e seu reconhecimento corporal e das suas amantes é muito recorrente na autora que é a guia dessa monografia: Alina Galliano.

#### 4 A AUTORA ALINA GALLIANO

Ao focar no estudo da poesia cubana feita por mulheres, priorizo o estudo da poeta Alina Galliano que nasceu em 1950 em Manzanillo (Cuba) e se mudou em 1968 para Nova York, cidade na que desenvolveu toda sua obra poética e com a qual manteve um vínculo identitário muito singular. Faleceu em Manhattan em 2017, deixando para a história literária cubana mais de 20 poemários.

No seu corpus poético são centrais os temas da memória; da família; da identidade insular (com referências a Cuba, Manhattan e múltiplas ilhas imaginárias); do corpo feminino e suas geografias eróticas; e da própria escrita, sendo que no desenvolvimento desses temas é possível reconstruir um poderoso espaço autobiográfico.

Galliano graduou-se em Psicologia pelo *Mercy College* (1979) e fez mestrado em Trabalho Social pela *Fordham University* (1981). É autora de *Entre el párpado y la mejilla* (Bogotá, 1980); *Hasta el presente. Poesía casi completa* (Madrid, 1989); *La geometría de lo incandescente (en fija residencia)* (Miami, 1992); *En el Vientre del Trópico* (Nova York, 1994); *Otro fuego a Liturgia* (Madrid, 2007) e *Los días que ahora tengo* (Nova York, 2016), seu último livro publicado. Sua obra apareceu também em diversas antologias como *Poesía cubana contemporánea* (1986); *Poetas cubanos en Nueva York* (1988); *Americanto* (1988); *El alba del hombre* (1991); *Poetas cubanas en Nueva York / Cuban Women Poets in New York* (1988), *Paradise Lost or Gained?* (1991), *Indómitas al sol. Cinco poetas cubanas de Nueva York* (2009) e em 2019 foi publicada no Brasil, na antologia *Escritas em trânsito. Cinco poetas cubanas de Nova York*.

Ao analisarmos o corpus poético de Alina Galliano, é perceptível uma poética de criação a partir dos espelhos, em que a imagem do ser na sua poesia e da autora se fundem para criar significados ou simbologias a partir das experiências vividas. A poeta cria uma tradição própria, em que dá vida a um universo com diversas culturas, porém sua fonte principal é a cultura cubana. Bolaños (2007) no prólogo do poemário *Otro fuego a Liturgia* (2007) apresenta que:

Su poesía nos permite participar en un conocerse y hacerse, a partir del propio proceso de creación. Reúne, con su fuego creativo, los fragmentos de un orden poético personal y sus ilimitadas confluencias litúrgicas. Así su intento es tan fabuloso como el de un demiurgo que no solo deberá crear un mundo, sino también crearse a sí mismo. (BOLAÑOS, 2007, In: <https://arbolinvertido.com/cultura/alina-galliano-la-poesia-inagotable>).

Além dessa criação, o corpo feminino, a sensualidade e as geografias exóticas do corpo amado, o cósmico e a religião são partes fundamentais da sua poética. A voz poética

tem a intenção de resgatar uma memória coletiva e pessoal com a intenção da articulação as suas heranças e a subjetividade feminina do ser.

Os poemas de Galliano apresentam algo novo sobre seu viver, suas experiências passadas e atuais a partir do sensual, emotivo e conceitual. Se organizam de modo sinestésico em que cheiros, sabores, texturas, sons, visões são recheados de símbolos culturais que se entrelaçam com o passado e o presente da voz poética. O sujeito ao entrelaçar o passado e o presente habita espaços da imaginação, como uma experiência totalmente contraditória dos seus dons culturais e seus novos modos de viver. Bolaños (2008) argumenta que:

La autora pone en juego diferentes yoes actanciales em la enunciación metafórica, expresivos de géneros y tipos de discursos, también relativos al mundo de la referencia, tanto cultural como autobiográfica, imposibles de separar em la fina trama. El sujeto se expresa a través de una acción literal y simbólica, cuyas claves genéricas están allí, em la isla natal revivida desde su diáspora de modo performático. (BOLAÑOS, 2008, p. 119).

Nos poemários de Galliano, é perceptível o uso do espanhol, como foi apresentado acima, que Alina utiliza para demonstrar uma autenticidade cultural em suas palavras a partir dos seus diferentes sujeitos poéticos. Além disso, utiliza para se comunicar mais intensamente ao lado religioso, dando vida as suas percepções, com o uso dos sentidos. Com o uso dos sentidos, ocorre uma relação aberta com o mundo, o sujeito dialoga com a geográfica do local que vive e do local que já habitou.

Em diversos poemas é visto um sujeito que não tem raízes em nenhum lugar e, assim, expande além de limites imaginários e físicos para explorar sua individualidade e, de maneira avassaladora, o sujeito encontra essa individualidade nas suas paixões no momento de sensibilidade e diferenças corporais. O poema inicial de seu último livro, *Los días que ahora tengo* (2016), apresentam essa ideia da voz poética está em constante transformação e sem raízes:

**1**

Dentro de mí se destruyeron inmensas ciudades em mi fúria de conquista,

Ahora habito un espacio donde continuamente me modifíco

Pienso em lo que hasta aquí me ha traído

Y ya no es mi historia

La mujer o la energía em que estoy moviéndome

Ha vivido entre otros labios

Sorbiendo multitud de humedades al espacio

[...]

Sua poética autoral implica uma construção contínua que tem temas como aberturas, os desdobramentos e reflexos sem fim. A sua criação de um imaginário de presenças, que não existem, seus espaços de autofundação, sua liberdade de movimento, indica que Alina Galliano tinha uma poética em desenvolvimento constante, com a personificação das sensações, a espiritualidade dos seus próprios sentidos, entrelaçados em seu corpo textual que dá a vida a uma experiência erótica e uma experiência de um indivíduo diaspórico.

#### 4.1 A OBRA “LOS DÍAS QUE AHORA TENGO” (2016)

O livro que é o objeto de estudo, “Los días que ahora tengo” (2016), está conformado por 300 poemas, o qual são enumerados e não tem título para sugerir o que vem no poema, nos quais é possível ler uma escrita de amor e erotismo, em que o corpo lésbico assume pleno protagonismo. Esses dias que o sujeito lírico tem, são dias de reconhecimento físico imediato, de descobrimento do próprio corpo e do corpo das amantes. É através do “corpo experiência” que se revela um sugestivo “corpo metafórico”, sendo que o próprio corpo e o das mulheres amadas configuram um território poético e um poderoso corpo verbal. Martínez (2012) apresenta que:

La propuesta sobre amor y erotismo comparte la asociación que hace Octavio Paz en *La llama doble: amor y erotismo*, donde explora la conexión íntima entre sexo, erotismo y amor, desde la memoria histórica hasta la vida cotidiana más inmediata, y analiza cómo el amor no es búsqueda de la idea o la esencia; tampoco es un camino hacia un estado más allá de la idea y la no-idea; del bien y del mal, el ser o el no ser. (MARTÍNEZ, 2012. In: <https://23.otrolunes.com/este-lunes/razon-y-pasion-de-ser-la-poesia-de-alina-galliano/>).

A sensualidade feminina e a paixão são centrais no livro. A voz poética traça uma história do desejo, articula o desejo erótico a uma identidade lésbica, definindo um sujeito desejante que proclama sua paixão e enfatiza a liberdade amorosa e erótica como fonte inesgotável de vida e autenticidade. Assim, as formas de erotismo que propõe Galliano reafirmam a liberdade de expressão e das experiências humanas que se mesclam com o discurso do cotidiano. Os espaços íntimos são apresentados por um sujeito erótico, e religioso, que avança no tempo da poesia, retirando o foco no presente e apenas nas sensações.

Mas os poemas de Alina Galliano requerem uma leitura em movimento, disposta a explorar todas suas possibilidades de sentido, aberta ao encontro entre o poético e o referencial, um universo referencial que apela sistematicamente ao cotidiano: o dia a dia da casa, da cidade e da própria escrita. Aparecem no livro as lembranças da infância, das viagens, da família, com ênfase nas figuras femininas: a mãe, a avó, as comadres do bairro.

O universo mítico religioso cubano, de base rural e afro-cubana, se articula a todo esse movimento memorial, de maneira diáfana e profunda. Mas também está no livro o rumor da cidade que se habita no presente, o silêncio da casa, a intimidade do quarto e a escrita, como espaço de articulação da memória ao presente.

A disposição dos poemas não sugere uma linha narrativa contínua, como em outras experiências poéticas da escritora. É a memória quem “organiza” o material, apelando a um exercício autorreflexivo, que mistura lembranças do passado, anseios amorosos e escrita. Essa proposta metaliterária, que aproxima as memórias do passado ao presente da escrita é também uma maneira de refletir sobre o futuro.

Em muitos poemas do livro, principalmente que envolvem a sensualidade ou a emoção, os falantes superam essa dispersão ou a fato de estar longe ou suas próprias carências por meio da escrita do corpo autobiográfico. Muitos poemas apresentam a figura feminina e como ela reparava aqueles corpos, a partir dos sentidos. A apresentação de um passado que envolva a família, e, principalmente, as figuras maternas é constituído como uma continuação do presente.

O eu lírico deseja proclamar sua individualidade e seu desejo de viver dentro da paixão apresentada a todo momento pela autora Alina. O erotismo e a sensualidade facilitam para a voz do poemário uma maior compreensão da realidade, com uma reconstrução superando a dispersão das experiências dos falantes poéticos e manifesta a liberdade total do indivíduo. Essa sensualidade corporal está apresentada por uma linguagem neobarroca, buscando frases curtas que favorecem a construção de imagens que sugerem a idealização do sensual.

Tomo como base, para explicitar o livro, três poemas de Alina, que não apresentam o ato sensual ou o amor entre suas amantes, mas é capaz de perceber como ele está em comunhão com as experiências, com a análise do mundo e local que vive, tornando Alina Galliano, uma poeta de diversas facetas e com um rico poemário. O poema a seguir demonstra o universo multicultural em terras estadunidenses. O primeiro poema seria o 241:

### 241

Demasiado temprano para que Alina Galliano tenga abierto los ojos  
 Pero de todos modos salgo a comprar las flores  
 Manhattan, como yo, se despierta bajo una lluvia fina  
 Y el puente de George Washington está envuelto en neblina,  
 Fantasma detenido en esta opaca luz de Septiembre  
 Donde respiro el aire de um otoño

Que se pronuncia a vuelta de la esquina;  
 (...)

Hoy la tarea fue limpiar la casa  
 Preparar el idioma de todos los jarrones,  
 Caminhar la energia de espíritus, de fuerzas ancestrales,  
 Desplegar desde las cuerdas vocales  
 La memoria que tengo del sonido de un violín  
 Que habla de Sultanas y secretos jardines,  
 (...)

Mabel que me habla de Yemayá y me deja sus canciones de aguas  
 En la computadora para cantarle a Ella;  
 La Dueña de los Mares,  
 El vientre inigualable donde todo es posible,  
 (...)

La noche, como yo, se sienta entre las rosas,  
 Entre las margaritas, los geranios, los lirios  
 Y sin prisa conversa con el cactus, que frente a mí  
 Despliega secretivos espacios de verdes coqueterías  
 Al contramarco de todas mis ventanas.

O poema, a princípio, tematiza o viver na ilha de Manhattan atravessada por suas heranças culturais e seus gostos. Esse poema representa uma conexão que Alina tem pelas duas ilhas, a ilha da sua infância e a ilha que está agora; essa conexão com Manhattan é vista no começo do poema em que há uma comparação entre o sujeito e o objeto e ao longo do poema, Alina vai se conectando com a cultura da ilha de Cuba através da sua religiosidade iorubá e pessoas queridas. Esse percurso é apontado por González (2019), em que Alina transita entre poéticas, colocando em movimento suas formas, para que a partir de sua linguagem elaborar trajetos.

Junto ao poema 241, vemos também o poema 257:

### 257

La atmosfera es de un gris tan complejo como un gato  
 Y mi ciudad respira su propia idiosincrasia;

Manhattan podría ser hoy una Overture de Rossini,  
 Una barroca nota de Alessandro Scarlatti caminando todos sus  
 rascacielosm

El distante reflejo de un canal en Holanda o Venecia,  
 El más inesperado tranvia que me lleve a una pestaña tuya  
 Para ver lo que miras detrás de su reverso;

(...)

Manhattan es también ésa amante con la cual me compartes,  
 La otra mujer que en ti me ama sin reservas,  
 La que vive conmigo por encima de todas tus variantes,  
 La que implícitamente detras de tus formas me corteja  
 Y hace del hábito que tienes por desearme  
 Espacio indiscutible en tu boca y tu frente.

Um poema que reflète a visão de uma caribenha à Manhattan. Alina compara a ilha como uma de suas amantes, em que reflito a partir de Michel Collot (2018) como a poeta ao ser apresentada a um acontecimento real ou um objeto, como a ilha de Manhattan, faz vir à tona seus sentimentos mais latentes, a qual pelo corpo, a retratando como uma de suas amantes, o sujeito se comunica com o mundo, abre novos horizontes que o engloba e ultrapassa, fundamentando, assim, a sua subjetividade no mundo. E essa percepção da ilha é muito interessante, por se tratar de uma experiência de um sujeito diaspórico em terras norte-americanas.

E, por fim, com o poema 294:

## 294

Mi padre habla conmigo sin ambagues  
 De la última estación que alimento su ojo  
 Cuando la muerte con su cuarto de hora  
 Le sorprendió la vida a cuerpo entero  
 Con esa exótica y extraña canción detrás del tímpano;

(...)

Cuando me hundo en el mar  
 Mi padre casi siempre me acompaña  
 Em lo arrítmico de esas contradanzas



Que viven repitiéndose em las olas del mar de los recuerdo  
 Y que me asaltan  
 Esos acantilados a mitad del pecho;  
 (...)

Mi padre es esa otra geografia  
 Donde el amor es punto y es constante  
 De su propia ecuación en mis costillas,  
 Allí donde la memoria no es reminiscencia  
 Sino ese siempre y letal presente  
 De ser quien soy  
 Conmigo  
 Y con la vida.

Não traz uma ideia do que é viver em outra nação ou a sua visão, mas a memória de seu pai, em que apresenta como a sua poética é heterogênea, pois é um poema adereçado a seu pai, diferente dos outros que tem figuras femininas. A partir dos estudos de González (2019), é perceptível que a sua herança foi dispersada e a bagagem que é disseminada por meio de seus poemas, permitindo o conhecimento do contorno da sua identidade. Seus poemas não trazem uma tendência comum, tem sua singularidade, suas memórias e como elas convivem com a escritora, apesar do trânsito cultural que Alina vive.

Por fim, podemos perceber que a partir de objetos metafóricos, o espelho, e memórias do seu passado em Cuba junto a seus familiares é possível perceber um tom melancólico de ser uma visão “congelada” e metafórica dessas memórias. Em outros poemas é possível perceber que a autora traz memórias que ela não viveu, mas dá voz a essas vivências retratando uma memória coletiva do seu povo. E, também, é possível perceber que ao escrever sobre as lembranças, relacionada a sua mãe, sobre sua avó materna e sobre seu pai, serve para manter vivas as recordações de si mesmo e uma autorreflexão do seu presente e seu futuro.

O último poema do livro de Galliano é uma declamação do dia final e de tudo que aquele ser é e suas experiências ao longo de sua literatura em deslocamento. O eu dela interage com o leitor num espaço de mudanças, onde a individualidade não existe, com esse espaço ele desprende de suas formas físicas, o sujeito poético cria mundos, em que poema a poema, ao longo de *Los días que ahora tengo* (2016), se transformou numa identidade narrativa com memórias da família, de si mesmo, do cotidiano, das viagens e dos seus amores.

**300**

He caminado y camino esos extraños abecedarios

Que forjan el fuego desmolidor de mi cerebro,

Los caminos sin pautas ni recelos,

Los camino y acepto

(...)

Hoy comprendo que estos mis días jamás dejarán de ser escritos,

Que estos mis días son esa viva letra de las transformaciones

De las grandes conquistas junto a la feroz. Guerrera que habita mi  
costilla,

(...)

Porque soy un ecosistema en metamorfosis de sí,

Un hábitat devorando las sutilezas y los rebordes

Donde el arte de ser, aprecia el imprevisto, de alturas o de abismos

(...)

Una parte de mi se queda sin palabras,

La otra parte respira el inextinguible vientre de las esferas y sus  
causas,

El lugar donde residen todos los crisantemos y las orquídeas,

El sabor de los azafranes, las mareas, los contornos de los azulejos y  
las aljamas,

La voces de mi padre, de mi abuela, de María Callas

De un bosque siberiano, de una fuente de nísperos

De la sensualidad que viste de lujo los mapas que delinear

Tierras tan espléndidas como las tierras de Toscana,

Como la luz intransigente que rige Andalucía

Y a todos los poetas, por poetas, aman

Abierta y simplemente

Su conexión de vida.

## 5 CONCLUSÃO

Ao longo do trabalho, é perceptível que o discurso poético hispano-americano, em ambiente transnacional, se alinha as questões de diáspora e da construção da identidade pós-moderna. As auto ficções das poetisas cubanas criam imagens de si a partir da perspectiva de poetisas em trânsito. Suas experiências revelam a questão do transnacional e do transcultural. Além disso, apresentar um enfoque na literatura de modo transnacional e que podem adentrar no cânone literário estadunidense e cubano.

A maior intenção é demonstrar que o sujeito diaspórico não é um sujeito que se limita a um território perdido, ao seus ancestrais e suas antigas vivências. Esse novo ser habita o seu antigo território, mas, também, habita ao seu novo local, se remonta e se autoconfigura a partir do que vive e apresenta na poesia essas suas mudanças. Essas poetisas, como apresentado por González (2020), carregam uma nova cultura para apresenta-las em novos espaços que habitam ou habitarão, “depositários de uma herança que dispersam, de uma bagagem que disseminam; aqueles cuja obra toma a forma de uma trajetória, de um percurso, sendo o movimento o que permite delinear seus contornos identitários” (GONZÁLEZ, 2020, p.6).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. **La modernidad desbordada: dimensiones culturales de la globalización**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico - dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARQUET, Jesús. **Reflexiones sobre la literatura hispana en los Estados Unidos**. In: ANALES DEL COLOQUIO INTERNACIONAL IDENTIDADES CULTURALES Y PRESENCIA LATINA EN LOS ESTADOS UNIDOS. Casa de las Américas: Havana, 2011

BARQUET, Jesús. **A literatura hispana dos Estados Unidos: reflexões começando o século XXI**, In: Revista Brasileira do Caribe, v. 16, n. 30. jan./jun., 2015.

BOLAÑOS, Aimeé G. Alina Galiano, la poesía inagotable. In: *Árbol Invertido*. Disponível em: <https://arbolinvertido.com/cultura/alina-galiano-la-poesia-inagotable>. Acesso em: outubro de 2019.

BOLAÑOS, Aimeé G. **Un fulgor sin fronteras**. In: Poesía insular de signo infinito: una lectura de poetas cubanas de la diáspora. Madrid: Betania, 2008, p. 13-38.

BOLAÑOS, Aimeé G. **Toda odisseia tem um final feliz? (A propósito de poesia e diáspora)**. Universidade Federal do Rio Grande: Aletria, 2012.

BRAH, Avtar. **Cartografías de la diáspora: identidades en cuestión**. Madrid, 2011

CLIFFORD, James. **Itinerarios Transculturales**. Barcelona, 2010

DE FARIA, Z.; CESARO, P. S. S. **O sujeito lírico fora de si**. Signótica, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 221–241, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/25715>. Acesso em: outubro de 2019

DE MAN, Paul. **Autobiografia como Des-figuração**. Panfleto político-cultural Sopro, 2012, n. 71. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/autobiografia.html#.Y9J4YnbMLIU>. Acesso em: outubro de 2019

GALLIANO, Alina. **Los Días Que Ahora Tengo**. Nova York: Createspace Independent Publishing Platform, 2016

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. **A literatura hispano-canadense: novas geografias culturais, novas histórias da literatura na América Latina**. In: VIII Colóquio Sul de Literatura Comparada - Poéticas (d)e Internacionalização. Porto Alegre, 2019.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. **Discursos da Memória na Literatura da Diáspora Cubana nos Estados Unidos**. Universidade Federal de Goiás: Revista Brasileira do Caribe, 2015

GONZÁLEZ, Elena Palmero. **Escritas em Trânsito: cinco poetas cubanas de Nova York**. Porto Alegre: Editora Letra1, 2020.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. *et al.* **Vozes Cubanas nos Estados Unidos**. Universidade Federal de Goiás: Revista Brasileira do Caribe, 2015

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**. Rio de Janeiro, 2006.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico - de Rousseau à internet**. Belo Horizonte, 2008.

MARTÍNEZ, Elena. **Razón y pasión de ser: La poesía de Alina Galiano**. *In: OtroLunes*. Disponível em: <https://23.otrolunes.com/este-lunes/razon-y-pasion-de-ser-la-poesia-de-alina-galliano>. Acesso em: outubro de 2019.

MARTÍNEZ, M. E.; SOTO, F. **Entre Islas: La Imaginación Poética de Magali Alabau, Alina Galliano, Lourdes Gil, Maya Islas e Iraida Iturralde**. Valencia, 2018

MURIETA, Fabio. **Creación y Exilio. Memorias del I Encuentro Internacional Con Cuba en la Distancia**. Madrid, 2002.

OLMOS, Ana Cecilia; GONZÁLEZ, Elena Palmero. **Textualidades transamericanas e transatlânticas**. Rio de Janeiro, 2018